

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
FÁBIO LUIZ VIEGAS

Tempo, corpo e amores disparatados: panorama sobre senescência e  
homossexualidade no mundo contemporâneo.

ORIENTADOR: PROF. DR. AMADEU DE OLIVEIRA WEINMANN

PORTO ALEGRE-RS

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FÁBIO LUIZ VIEGAS

Tempo, corpo e amores disparatados: panorama sobre senescência e  
homossexualidade no mundo contemporâneo.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação em Psicologia Noturno –  
Habilitação Psicólogo – do Instituto de Psicologia  
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,  
como requisito parcial à obtenção do grau, sob  
orientação da Prof. Dr. Amadeu de Oliveira  
Weinmann.

PORTO ALEGRE-RS

2019

Tempo, corpo e amores disparatados: panorama sobre senescência e  
homossexualidade no mundo contemporâneo.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao  
Curso de Graduação em Psicologia Noturno –  
Habilitação Psicólogo – do Instituto de Psicologia  
da Universidade Federal do Rio Grande do Sul,  
como requisito parcial à obtenção do grau, sob  
orientação da Prof. Dr. Amadeu de Oliveira  
Weinmann.

Porto Alegre, 4 de dezembro de 2019

BANCA EXAMINADORA

---

PROF. DR. AMADEU DE OLIVEIRA WEINMANN – ORIENTADOR

---

PROF<sup>a</sup> DR<sup>a</sup> RAFAELA VASCONCELOS FREITAS - DEBATEDORA

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	4
<b>ENVELHECIMENTO ATIVO</b> .....	7
<b>GERONTOLOGIA LGBT</b> .....	11
<b>ESVAZIAMENTO DOS GUETOS, REVOLUÇÕES DIGITAIS E O AMOR</b> .....	16
<b>IDENTIDADE CORPORAL, ENVELHECIMENTO E CULTURA DA IMAGEM</b> .....	20
<b>ENVELHECIMENTO E SAÚDE MENTAL</b> .....	26
<b>CONCLUSÕES</b> .....	31
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	34

## INTRODUÇÃO

Vivemos atualmente a “era do envelhecimento”, um período de acelerado envelhecimento populacional. Em 2025, a população global de idosos será da marca de 1,2 bilhão de idosos, sendo dois terços em países em desenvolvimento. No Brasil, teremos mais de 34 milhões de pessoas com idade igual ou superior a 60 anos. A intensificação no envelhecimento se dá num contexto de grandes avanços na Medicina, permitindo aumento na longevidade, conjuntamente com um momento histórico onde pode ser observada uma sensível diminuição nas taxas de natalidade (Moreira & Nogueira, 2008).

O envelhecimento é experiência atravessada por questões de ordem biológica, social e cultural e trata-se, portanto, de caminhada que se diversifica conforme a singularidade do contexto vivenciado por cada sujeito. Envelhecer é um processo que envolve a maneira como o idoso se percebe, mas também a forma como é visto pelo outro, sendo possível, por esse motivo, afirmarmos que não existe “a velhice”, mas sim “velhices” (Altman, 2011). Alguns marcadores, contudo, são comuns a essas experiências.

À medida que os anos passam e se encurta o tempo que resta, para além do desgaste físico e da perda da vitalidade, perde-se a perspectiva de grandes vivências e realizações de planos de longo prazo. Ao passo que o mundo oferece inúmeras possibilidades (as quais são continuamente bombardeadas no imaginário coletivo, em especial nos dias de hoje, com a ampliação no acesso às novas tecnologias), estas parecem, ao sujeito que enxerga um rosto em envelhecimento no espelho, a cada dia menos acessíveis, produzindo inquietudes quanto ao desvelamento do final de sua jornada aproximando-se no horizonte.

Para Beauvoir (1990), a velhice é uma condição que se coloca para os outros, como se fosse difícil admitir (ou sentir) o envelhecimento do “eu”. A atitude natural diante do próprio envelhecimento é a recusa, uma vez que a velhice é vista de forma naturalizada como algo ligado à feiura, à doença e à impotência. O espelho mostra a mudança percebida pelos outros, mas o indivíduo reluta em aceitar a transformação em sua representação de si.

Envelhecer coloca em evidência a finitude humana, podendo ser também analisado sob um prisma peculiar ao emprestarmos as ideias da psicanálise. Aceitamos

de forma racionalizada a morte dos outros; contudo, a ideia da própria morte ou de pessoas próximas perdura no homem civilizado com o mesmo instinto primevo dos seres humanos pré-históricos (Freud, 1915). O senso de invencibilidade desaparece diante da concretude de um fim de existência, ou seja, a recusa de tornar consciente o fato de que irá, inevitavelmente, morrer, não seria necessariamente algo culturalmente construído, mas sim uma característica inata do ser humano.

Para os indivíduos que experimentam o decurso da vida em meio a práticas homoeróticas, a subjetividade encontra-se em território sujeito à dupla estigmatização, seja pela heteronormatividade a predominar nas interações sociais, seja pelo desprestígio e desqualificação da velhice na trama social, permitindo supor que o envelhecimento pode encontrar alguns obstáculos adicionais nessa intersecção. As configurações familiares contemporâneas vêm abrindo espaço para múltiplos tipos de existência, permitindo assim, a tímidos passos e apesar da emergência atual de um aparente e generalizado retrocesso político e ideológico de grandes proporções, que alguns novos padrões de sociabilidade possam passar a ser parte da realidade de minorias sexuais. Todavia, ser velho e gay ainda é uma experiência achacada, no imaginário coletivo, como uma caminhada triste e solitária (Cerqueira, 2011).

O medo de envelhecer, contudo, talvez também possa ser explicado pela ameaça à dignidade que o processo representa. Os indícios de proximidade com a morte não assustariam tanto quanto a possibilidade de o indivíduo tornar-se dependente, solitário e em sofrimento contínuo (Passamani & Duque, 2017). No caso das minorias sexuais, a possibilidade de não ter com quem contar, dadas as configurações familiares em meio às quais vive a maioria desses indivíduos, possivelmente torne a necessidade de depender de outras pessoas ainda mais assustadora.

As ideias contemporâneas relacionadas ao envelhecimento trazem uma nova proposição para as performances individuais esperadas durante a velhice. Como um contraponto às concepções construídas até algumas décadas atrás, o ideal do envelhecimento ativo é colocado no discurso médico quase que como uma nova ordem, uma prescrição de uma vida mais ativa como uma forma ideal para envelhecer.

Levando em consideração o momento social atual, presumido como sendo de maior abertura à diversidade, alguns pesquisadores acreditam que os LGBT's contemporâneos formarão a primeira geração que adentrará a velhice podendo expressar

abertamente identidades sexuais gays e lésbicas (Henning, 2017). Viver abertamente sua afetividade em meio à emergência de novos padrões sociais, onde caminhos homoeróticos coexistem com aqueles construídos sob o signo da norma, contudo, pode ser desafiador para uma geração que viveu anteriormente a esse período de um certo afrouxamento das convenções sociais e ainda experimentam-nas com um olhar que se construiu a partir de uma perspectiva sob a qual a segregação era a regra.

Diante das singularidades que se colocam para o sujeito em envelhecimento, e mais especificamente para aqueles que estão envelhecendo com práticas afetivo-sexuais que fogem de padrões mais amplamente aceitos, surgem algumas questões, as quais pretende-se explorar a partir da pesquisa a ser desenvolvida. Quais são os principais desafios, no mundo contemporâneo, para quem está vivendo essa etapa do desenvolvimento? Como é a experiência homoerótica para aqueles que estão envelhecendo? De que maneira poderíamos pensar o duplo estigma do envelhecimento e da homossexualidade sob a perspectiva dos serviços de saúde mental? Como profissionais ligados à área poderiam pensar nessas intersecções para lidar com as singularidades do envelhecer?

O presente estudo, é importante salientar, pretende discutir essas questões de forma predominantemente ensaísta e, por conseguinte, especulativa. Esse formato parece pertinente tanto pelo tema, que requer, na opinião do autor, uma certa liberdade de escrita para ser abordado, quanto pela escassez de dados empíricos de pesquisas. Em alguns momentos, contudo, o autor pretende trazer à discussão dados mais “fechados”, coletados a partir de estudos populacionais, que, embora ainda sejam raros, podem trazer elementos interessantes para os intentos que aqui estão sendo almejados. A fonte de inspiração para a escolha do tema em questão surgiu, principalmente, a partir de conversas com amigos e pequenas observações cotidianas. O assunto tem capacidade para gerar estudos posteriores potencialmente interessantes, o que também instigou a escolha do tema. Por último, mas não menos importante, pesa o fato de ser o autor homossexual e estar entrando na casa dos 40 em breve.

## ENVELHECIMENTO ATIVO

Dentro da lógica contemporânea ocidental, onde se acentua no homem a necessidade de parecer jovem por um período cada vez mais longo da vida, a velhice é marca que estigmatiza, inferioriza e exclui o sujeito, transformando um fenômeno biológico que é *inevitável* em um ditame cultural da ordem do *indesejável* (Moreira, Nogueira, 2008). Os discursos que criam, ademais, normas para a experiência e que acabam por dominar a vida simbólica não permitem a construção de narrativas individuais, além daquelas impostas por uma cultura ávida por determinados padrões estéticos e funcionais que são presumidamente incompatíveis com o envelhecer (Vilhena, 2014).

Podemos falar da velhice como um período que congrega algumas características que são comuns à maioria dos sujeitos, mas que se desenrolará de diferentes formas, em sua apreensão como unidade. Justamente pelos aspectos que a configuram, é dado à velhice ser uma experiência simbólica tão diversa quanto é a experiência humana nas suas inúmeras possibilidades e caminhos. Temos, no entanto, duas tomadas principais em disputa, as quais são representativas de determinadas maneiras de representar socialmente nossos corpos em envelhecimento, e isso fica especialmente nítido quando as concepções acerca do envelhecimento são analisadas sob os paradigmas que permeiam o discurso das ciências da saúde.

De um lado, em uma visão mais historicamente consolidada, temos a ideia de que o envelhecimento humano é um processo de degeneração inevitável, sujeito a perdas e declínios, no que diz respeito a aspectos orgânicos e emocionais. Tem-se, com isso, um conjunto de ideias que colocam a velhice em um lugar de vilã, como se fosse um mal a ser combatido, evento derradeiro que inevitavelmente chega e se incorpora tal qual um empecilho para a continuidade das coisas da vida (Liesenber, 2019). Essa visão, muito provavelmente, reforça o medo que as pessoas têm de envelhecer, uma vez que o imaginário coletivo se desenvolveu massivamente em torno dessa visão que mostra um retrato pessimista quanto às possibilidades que aguardam o indivíduo a partir do momento em que a velhice passa a dar seus sinais.

A essa velhice negativada contrapõe-se outra visão em franco processo de ascensão e que se encontra presumidamente acessível a todos aqueles que estejam



dispostos a pagar por seu preço. As discussões sobre o Plano Internacional de Ação Sobre o Envelhecimento, resultado da II Assembleia Mundial do Envelhecimento, realizada em 2002 em Madri, levaram à adoção da alcunha “Envelhecimento Ativo” para englobar a visão da velhice como um processo natural do ciclo de vida que deve ser vivenciado com autonomia, reconhecimento de direitos, dignidade, segurança, bem-estar e saúde (Leandro-França & Murta, 2014). Tal visão tem pautado muitas das discussões sobre “melhores práticas” quanto à gestão da velhice dentro das tramas da construção de conhecimento.

No campo da sexualidade, encontra-se essa mesma relação dicotômica entre essas maneiras de entendimento sobre o envelhecimento. A ideia de que as necessidades por amor e sexo permanecem existindo nessa etapa da vida ainda não é culturalmente bem aceita. Predomina no imaginário social a demarcação da velhice como uma etapa da vida que é assexuada, sendo o desejo em pessoas mais velhas encarado como um tabu. Aos velhos, cabe o papel de provedores de ternura e carinho, principalmente no seio familiar (Cardoso & Chaves, 2012). Assim como as demais funções fisiológicas e cognitivas, contudo, o desejo se transforma, sem se esgotar, sendo importante, portanto, que tais paradigmas sejam discutidos e superados. As velhices gays, por outro lado, são crivadas por rótulos como a “bicha velha” ou o “coroa assanhado” (Mota, 2009).

A velhice enquanto momento universalmente compreendido como sendo de declínio sexual representa, aliás, um esquema analítico básico que marcou a história da produção de conhecimento nessa seara. Tal estrutura lógica moldou a expectativa de que, nessa etapa do desenvolvimento humano, restaria ao indivíduo ajustar-se a esse imperativo, usufruindo assim dos benefícios de uma dita “maturidade pós-sexual”.

Alinhados com o discurso do envelhecimento ativo, o saber dos especialistas, por sua vez, passou a incluir a sexualidade como um dos pilares para um certo modo de viver que é considerado ideal. O conseqüente processo cultural de erotização da velhice reproduz uma normatividade hipersexualizada que é, sobremaneira, heterossexual, sugerindo como parte do conjunto de prescrições uma inversão dos papéis do que é tido como próprio da sexualidade masculina e feminina - para os homens, usufruir melhor da sexualidade pressuporia um processo de reelaboração das sensações, com menos foco na genitália e expansão das senso percepções, ao passo que, para as mulheres, presumidamente já possuidoras de uma sensibilidade mais ampliada, caberia lutar por

uma liberação das amarras da moralidade vigente com o intuito de usufruir a plenitude de suas vidas sexuais (Debert & Brigeiro, 2012).

As imagens veiculadas pela mídia convidam o sujeito constantemente a enxergar seu corpo como uma obra inacabada, com certo potencial a ser trabalhado e que se encontra, portanto, distante de uma imagem ideal. Trata-se de uma poderosa mensagem, que induz o sujeito a pensar o seu corpo não como um receptáculo que deve ser preservado e mantido saudável, mas acima de tudo o coloca como único responsável por um constante processo de mudança: o corpo torna-se um objeto de autoplastia e uma possibilidade de empreendimento individual de sucesso. Pode-se ter o corpo que quiser, desde que seja seguida uma série de prescrições ditadas socialmente. É possível mesmo afirmarmos que é uma sociedade cuja representação do corpo junto às mídias remete a um ideal de *corpolatria* (Malysse, 2002). Para o corpo em envelhecimento, é uma perspectiva primordialmente excludente, apesar dos avanços nas ciências biológicas.

O sujeito em envelhecimento, diante dessa realidade social onde há muito apelo para a questão da imagem corporal, sente-se impelido, portanto, a adotar tais práticas de uma “boa velhice” ou, quando não as consegue atender, produz desconforto quanto à sua imagem diante daquilo que é esperado em termos de padrões corpóreos. É ele, afinal, o responsável pela adoção de um certo conjunto de práticas que levarão a uma velhice ajustada e digna dos padrões mais amplamente aceitos. Percebe-se que os esforços estão centrados na manutenção da juventude e, ao sujeito que não consegue engendrar-los de forma adequada, pode acabar restando a pecha de incompetência, fracasso ou simplesmente desleixo. Em um piscar de olhos, o que supostamente seria ferramenta de exercício de protagonismo passa a ser um infortúnio (Passamani & Duque, 2017).

Dentro da perspectiva da velhice ativa, o sujeito é responsabilizado por construir uma trajetória em que persegue questões, por assim dizer, associadas a um exercício infundável de rejuvenescimento, para que não reproduza o estereótipo negativo já cristalizado no imaginário coletivo quanto ao processo de envelhecimento. Não há alternativa, senão fugir do estigma de degenerescência e agir de acordo com alguns padrões performáticos naturalizados como a melhor alternativa. Cabe ao sujeito em envelhecimento, portanto, atender às expectativas de um papel social que cabe a ele perseguir, dentro de uma lógica de *dever-ser* (Liesenber, 2019).

Não se está afirmando, com essa visão notadamente mais crítica a respeito das questões que fundamentam o ideal do envelhecimento ativo, que esse período da vida não possa se transformar e ganhar novos delineamentos, mesmo porque a vida em sociedade está sujeita a constante mutação e é natural que isso ocorra. Contudo, a perspectiva da velhice ativa, construída segundo uma visão preconceituosa da “velhice ruim”, e enquanto um contraponto a ela, não deveria ser tratada como a única forma de envelhecer, ou aquela que todos deveriam desejar. Perspectivas totalitaristas quanto ao que o sujeito deve ou não fazer tendem a ser excludentes, justamente por não levarem em conta as diferentes experiências possíveis e os diferentes padrões de acesso e de consumo para o sujeito que vive esmagado por tais expectativas.

No caso dos homossexuais, e mais especificamente no universo masculino, a cartilha da velhice ativa pode ser um interessante marcador para reflexão. Ser gay, velho e continuar sendo aceito nos meios em que o indivíduo transita pressupõe a adoção de determinadas posturas e fórmulas que somente se intensificam em uma relação diretamente proporcional aos avanços das ciências da saúde.

...temos considerado que sujeitos interpelados como “velhos” e que se autodeterminam “homossexuais” e/ou que experienciam modos de vida não-heterossexuais têm de se confrontar com uma matriz heterossexual e com um valor de juventude socialmente produzido como um ideal regulatório (que é inclusive o que pode valorar positivamente as experiências da homossexualidade). Diante desses imperativos, a velhice considerada inteligível é pressuposta como heterossexual e a homossexualidade dita “aceita” é inscrita nas marcas do que se entende por “jovem”. Nesses termos, o “velho *gay*” tensiona o jogo das representações normativas sobre a velhice (sempre heterossexual) e sobre a homossexualidade (sempre jovem, de corpos torneados, branca, de classe média, com poder de consumo etc.) (Santos & Lago, 2015, p. 95).

O velho gay, portanto, representa socialmente uma categoria que afronta duplamente as normas sociais acerca do envelhecimento: por um lado, confronta a velhice considerada inteligível, ou seja, aquela representada em conformidade com padrões da norma hetero, e por outro, uma homossexualidade que, quando socialmente aceita, é inscrita nas marcas associadas ao estereótipo do que se entende por juventude, especialmente no que diz respeito ao ideal de imagem corpórea. As ideias relacionadas ao envelhecimento ativo, por sua vez, regram a necessidade de o sujeito envelhecer sem deixar de viver a sua plenitude sexual. Afinal, essa parece ser uma tarefa importante a cumprir para que se atenda ao desejo de ser/parecer eternamente jovem, que seria um triunfo máximo dentro da lógica do envelhecimento ativo. A busca incessante por não ser velho ou, na pior das hipóteses, ser um “velho ativo”, saudável, independente e que

consegue manter características associadas à juventude é uma intrincada e complexa engenharia social que torna vidas outrora consideradas abjetas em vidas vivíveis, inteligíveis, uma vez que atendem a expectativas sociais hegemônicas (Passamani & Duque, 2017).

Predominantemente, ambas as formas de pensar a velhice (enquanto empecilho para a vida e enquanto infundável exercício de luta contra seus efeitos naturais) constroem-se, entre os estudos acerca do envelhecimento, dentro de uma lógica de produção de verdades, em que não há reconhecimento de sujeitos em trajetórias individuais, mas sim objetos de pesquisa, os quais, como tal, devem ser cuidadosamente guardados em alguma gaveta das convenções que somente se reforçam a partir do desenvolvimento do saber, que frequentemente alimenta o discurso do senso comum. Na construção de caminhos próprios de vida, contudo, definições categóricas sobre o sujeito idoso e como ele deve ou não ser não abarcam, se pensarmos a sexualidade e sua vivência como um espectro, as infinitas possibilidades existentes entre o sujeito velho caricatamente afetuoso, pudico e fisicamente debilitado e aquele que dá vazão ao seu vigor sexual e vive com uma aparência juvenil. Os saberes tomados como “melhores práticas” quanto às ações relacionadas à velhice, ademais, são fundamentalmente excludentes, uma vez que o acesso a uma velhice ativa e a manutenção do vigor juvenil pressupõem a disponibilidade de recursos que estão ao alcance apenas de uma pequena e privilegiada parte da população gay em envelhecimento, especialmente se pensarmos em um país tão desigual como o Brasil.

## **GERONTOLOGIA LGBT**

Segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, *disparatado* é um adjetivo que qualifica alguém que diz ou faz disparates. No contexto foucaultiano, as sexualidades disparatadas são aquelas que, por sua extravagância, são relegadas, no discurso da sexualidade, ao plano da dissidência e da loucura, sendo assim pautadas as definições que se constroem sobre as práticas sexuais que transgridem a norma (Miskolci & Simões, 2007).

Os estudos no campo do envelhecimento, especificamente, ainda são orientados, predominantemente, por uma lógica que se ampara na norma socialmente construída, ou seja, que entende ser a heterossexualidade o padrão, sem espaço para velhices

disparatadas. Esse modo de construir conhecimento tende a suprimir deliberadamente os horizontes acerca das questões analíticas envolvendo velhos e velhas que não vivam em conformidade com um padrão convencional nas relações erótico-afetivas, invisibilizando essas velhices. Na última década, tem-se percebido, globalmente, um notável aumento no volume de estudos realizados levando em consideração o enlace entre os campos do envelhecimento e da diversidade sexual. Ainda assim, continua prevalecendo a ausência de visibilidade e atenção para a orientação sexual e identidade de gênero na maior parte das pesquisas sobre o envelhecimento (Goldsen & Vries, 2019).

A invisibilização de velhices interseccionais não fica restrita ao mundo acadêmico. O atendimento em centros especializados é concebido pensando em uma senioridade heterossexual, o que torna esses ambientes inóspitos para LGBT's que necessitem de seus serviços. O assunto nem mesmo gera interesse governamental a ponto de ser abordado nas interfaces do idoso com os serviços públicos de saúde, o que pode ser causa da escassez de dados estatísticos sobre essas populações (Sluytman & Torres, 2014), a não ser quando o assunto são IST's (infecções sexualmente transmissíveis).

A velhice, dentro dos estudos *queer*, também foi assunto deixado de lado até muito recentemente, comprimindo a velhice LGBT em um não-lugar, uma vez que esse grupo populacional não pôde, em determinado momento, se identificar nem com os estudos de Gerontologia sobre a velhice (dado o seu caráter predominantemente conservador e normativo), nem como parte dos estudos *queer*, excludentes em relação às velhices, o que muito possivelmente ocorreu pelo perfil etário mais jovem dos próprios acadêmicos LGBT. O silenciamento de ambas as partes impediu, durante algum tempo, a apropriação de uma identidade cultural de grupo pelos LGBT's mais velhos (Brown, 2009).

A “Gerontologia LGBT”, de acordo com Henning (2017) (entre aspas por ser uma escolha do autor para se referir a um campo que engloba outras ciências, além da gerontologia, engajadas em estudos relacionados ao envelhecimento) passou a ser um assunto de interesse em países como os EUA e Reino Unido já a partir do final da década de 1960, coincidindo com a época em que começaram a eclodir movimentos (dentre os quais a Revolta de Stonewall foi o mais representativo) favoráveis à liberalização dos costumes sexuais. As ideias desenvolvidas sobre a temática podem ser didaticamente divididas em quatro fases, as quais serão, pela sua importância, detalhadas a seguir.

A primeira fase de estudos entrelaçando a questão da homossexualidade ao avanço na idade, que poderia ser localizada entre o final dos anos 60 e a segunda metade da década de 70, partiu da constatação e reafirmação de algumas reproduções sociais negativas provindas dessa intersecção, com muita ênfase na descrição de vidas vividas em isolamento e tristeza. Até o final da década de 70, portanto, a literatura gerontológica sobre homens gays estava permeada por ideias marcadas por questões como a depressão, perdas e negatividade em diferentes esferas que a velhice poderia trazer. Para olharmos em perspectiva para esse quadro sombrio podemos utilizar como referência o pano de fundo cultural, com produções cinematográficas como o filme “The boys in the band”, o qual retrata uma noite na vida de um grupo de amigos homossexuais que se encontram adentrando a meia-idade, em uma narrativa que aborda inúmeras questões, mas com matizes que se sobressaem na narrativa, dando à história um tom de preocupação e amargura em relação às perspectivas futuras daquele grupo (Henning, 2014).

O segundo momento de estudos relacionando envelhecimento e diversidade sexual ganha um tom mais otimista na literatura, com forte influência do que vinha sendo dito numa Gerontologia mais *mainstream*, a qual procurava, naquele momento, direcionar o desenvolvimento de ideias com a intenção de enfatizar aspectos mais positivos do envelhecimento. Estudiosos dessa “onda”, que foi bastante explorada entre o final dos anos 70 e início dos 80, promoveram uma guinada radical em pesquisas do tipo, com a assunção de um tom “gay positive” na literatura (Henning, 2017).

Alguns pesquisadores atribuíram, durante essa fase, competências peculiares que seriam desenvolvidas por homossexuais por conta do enfrentamento à discriminação. A hipótese da *maestria no estigma*, por exemplo, sugeriu que os homossexuais, por lidarem desde sempre com uma visão estigmatizada sobre seus modos de existência, desenvolveriam habilidades que os ajudariam a operar manobras identitárias em diferentes campos cotidianos, como forma de fomentarem sua sobrevivência, com a utilização de tal característica comportamental inclusive no enfrentamento ao preconceito contra a velhice. A *competência em crises*, por sua vez, seria uma característica advinda de uma passagem mais tortuosa pelos diferentes momentos do desenvolvimento, como na passagem para a vida adulta diante do perigo iminente de desvelamento de sua sexualidade, condição que tornaria a transição à velhice algo mais manejável na vida dessas pessoas. Essa visão forçosamente feliz procurava colocar as vivências em perspectiva, deixando de lado os efeitos danosos do cotidiano de discriminação

comumente enfrentado. Tal momento dos estudos entrelaçando homossexualidade e envelhecimento foi acusado de barrar as “velhices não tão bem-sucedidas”, gerando muitas controvérsias durante algum tempo e, com o avanço nas discussões nos anos seguintes, essas ideias acabaram perdendo espaço na literatura (Henning, 2014).

O terceiro momento é de diversificação, com abertura em especial para envelhecimentos e velhices de lésbicas, além da promoção de um tímido movimento inicial de abertura para questões envolvendo outras velhices até então deixadas de fora do debate, como dos bissexuais e transgêneros. Por conta disso, em especial a partir dos anos 80 ocorre um acentuado crescimento na diversidade de enfoques de análise para a reflexão sobre o envelhecimento, tornando, dessa forma, o campo mais plural. É a partir desse momento que se torna mais difundida na literatura a noção de que os desafios no envelhecimento de homens gays e mulheres lésbicas, por exemplo, teriam importantes pontos de convergência, mas também muitas peculiaridades a distingui-los (Henning, 2017).

O momento atual, do fim dos anos 90 até o presente, é o do *giro pragmático*, com pesquisas mais direcionadas à criação de políticas públicas, programas de educação temática, esclarecimento e defesa de direitos civis. Algumas polêmicas balizadoras dos estudos passados, como a questão das competências em crises, ficam em segundo plano, e ganha ênfase uma maior preocupação com as questões de ordem prática a serem abordadas no campo da gerontologia (Henning, 2014).

A assimilação dos saberes que vêm sendo construídos a respeito das velhices LGBT's começa, lentamente, a trazer essas ideias para o plano das ações concretas. Ainda que não existam políticas públicas desenvolvidas especificamente para as minorias sexuais (ou mesmo considerando sua existência), de meados dos anos 2000 para cá essa lacuna vem começando a ser ocupada por organizações não-governamentais. Nos Estados Unidos, a SAGE (*Services and Advocacy for LGBT Elders*), fundada em 1977, oferece atualmente serviços como orientação familiar e individual, além de apoio para questões peculiares aos idosos LGBT, como a saída tardia do “armário”. A Openhouse, por sua vez, destaca-se na promoção de ações que visam à fomentação na construção de moradias a preços acessíveis para minorias sexuais (Henning, 2017).

No Brasil, os primeiros teóricos a adentrarem o campo deram centralidade à temática do envelhecimento inter-relacionada à questão sexual apenas em meados dos

anos 2000, sendo a obra de Júlio Assis Simões, de 2004, “Homossexualidade Masculina e curso de vida: pensando idades e identidades sexuais”, considerada um marco fundacional. No estudo, o autor supõe haver uma tensão entre dois modos de representação acerca do universo dos homossexuais masculinos em envelhecimento: um mais sombrio, em que o estigma de envelhecer em meio a práticas que fogem à norma traz um peso negativo de solidão, melancolia e desvalorização erótica; e um outro que procura, à semelhança do que vimos na segunda geração dos estudos envolvendo envelhecimento e LGBT’s, colocar uma lente otimista sobre o envelhecimento dessas minorias, postulando competências e habilidades peculiares a esses grupos (Debert, Simões, & Henning, 2016).

No que diz respeito ao desenvolvimento de políticas públicas específicas, que seriam um próximo passo esperado a partir do momento em que começamos a entender melhor a dinâmica nas vivências desses grupos populacionais, a diversidade sexual da população idosa não tem vez, e as respostas frequentemente negligentes quando surgem demandas por tratamento de IST’s (infecções sexualmente transmissíveis) em idosos dão pistas de quão subapreciadas encontram-se questões que envolvem o complexo entrelaçamento entre faixa etária e sexualidade dentro do sistema de saúde. Quando acrescentamos ao campo em análise o corte adicional das diversidades sexuais, percebe-se que pouco ou quase nada tem sido feito nessa seara. Talvez por consequência da escassez de estudos acerca do assunto na área, ou ainda devido a questões culturais (possivelmente por não estarmos tão próximos da imagem classicamente liberal que as brasilidades acabaram ganhando de forma geral ao longo dos tempos), caminhamos de maneira ainda mais tímida na direção da elaboração de políticas públicas que contemplem velhices não-heterossexuais, quando comparados com outros países como Estados Unidos, Inglaterra e Holanda. A despeito desse contexto, em 2017, surgiu em São Paulo o primeiro coletivo (que depois passou a ser uma organização não-governamental) especializado no assunto, com o objetivo de dar visibilidade às velhices LGBT’s e capacitar profissionais dentro da emergente temática, o EternamenteSOU (Crenitte, Miguel, & Filho, 2019).

Em algumas regiões do globo, é possível observarmos avanços sociais que se estão produzindo, no discurso e nas instituições, quanto a questões as quais potencialmente podem impactar na vida de populações que vivem à sombra da norma. E isso acaba por permitir o surgimento de condições mais ideais para o fomento a pesquisas



sobre envelhecimento de minorias sexuais. Como exemplo, temos, no Reino Unido, o Equality Act, estatuto legal de 2010 que proíbe discriminações contra variações como raça, gênero e orientação sexual, entre outros – e isso em um país onde, alguns anos antes, o tema da homossexualidade não poderia ser “promovido” (o que acabou funcionando, na prática, como uma ferramenta de censura) em sala de aula. No Brasil atual, o contexto sociopolítico parece estar caminhando em outra direção, no que diz respeito à gestão de questões envolvendo diversidades. Gradativamente, nota-se o surgimento de espaço para que as instituições de estado (amparadas por uma parcela significativa da população) sofram influência de questões de ordem moral e religiosa (é só pensarmos sobre a balbúrdia em torno de discussões *nonsense* como “ideologia de gênero” e “distribuição de kits gays nas escolas” para percebermos o quão inclinado ao retrocesso encontra-se esse pedacinho dos trópicos), o que demonstra a importância de existirem espaços para a reflexão sobre as reais possibilidades de emergirem políticas públicas que contemplem as vidas de minorias sexuais. Para além do desafio necessário de pesquisar mais a respeito do encontro entre velhices e diversidades sexuais, o momento pede muito engajamento e luta para lidar com esse horizonte político potencialmente desolador.

### **ESVAZIAMENTO DOS GUETOS, REVOLUÇÕES DIGITAIS E O AMOR**

As rápidas transformações por que passam os grandes centros urbanos na contemporaneidade acabam por borrar os limites entre os territórios próprios de grupos específicos, como no caso dos homossexuais. Não se trata apenas de um apagamento dos delineamentos geográficos, mas sim de uma desterritorialização que também é da ordem da subjetividade. Entre uma configuração social e outra, temos toda uma geração de LGBT's que vivenciaram na pele essa transição.

Os indivíduos LGBT's que estão atualmente adentrando a meia-idade cresceram em um mundo onde o desvelamento de sua sexualidade era algo que, por suas potenciais consequências sociais, beirava o inconcebível. A vivência homossexual estava restrita aos espaços privados, estendendo-se, em especial nos grandes centros urbanos, aos guetos. Mesmo que estejam vivendo suas velhices em tempos de maior abertura, a internalização de uma certa obrigatoriedade de viver às escondidas leva esses sujeitos a um lugar que é um “não-lugar”, como espectadores de um mundo ao qual já não parecem mais pertencer.

Esse sentimento de nostalgia, diga-se, não é exclusividade das minorias sexuais. Envelhecer vivenciando uma experiência mais “convencional” também traz essa percepção. No caso do envelhecimento atravessado pela questão da não-normatividade quanto aos costumes sexuais, contudo, existem alguns paradigmas sendo superados, uma aproximação daquilo que outrora era apartado do discurso cotidiano. A quebra de algumas barreiras quanto às convenções sociais outrora mais rígidas, a desterritorialização dos guetos urbanos e as transformações digitais produzem importantes impactos nas vivências individuais, colocando sujeitos em envelhecimento em uma condição de observadores da realidade que se transforma à sua volta.

Em pesquisa de campo realizada junto a gays mais velhos do sexo masculino na cidade de São Paulo, é possível notar esse tom naturalmente nostálgico em diversos dos depoimentos apresentados, como podemos perceber no trecho abaixo, de Pedro (64 anos):

Porque antigamente você com um olhar acabava conhecendo a pessoa e gostando... com um simples olhar. Hoje parece que o olhar tá lá embaixo... (...) Essa Vieira de Carvalho, acho que desde que eu tinha 20 anos de idade e comecei a passar por aqui já era um ponto de encontro de homossexuais, mas era diferente. Na época era assim, tinha o bicha, porque o cara era bicha isso era o fim do mundo. Então você tinha pavor de falar com alguém e esse alguém dizer “você dá o cu!” Me parece, Carlos, que isso de ser bicha tava escrito aqui na tua testa, sabe? Tinha sempre que andar em ovos, não sei se você consegue entender isso... Bom, você nunca viveu esse clima... Era uma coisa da época, 62, 63, 64, todos esses anos (Henning, 2014, p. 222).

Os costumes dos “héteros” e dos LGBT’s também estão sujeitos a uma certa homogeneização, típica da globalização e facilitada pela maior exposição junto aos meios de comunicação. Com efeito, o ganho de visibilidade promovido durante as últimas décadas acabou criando um processo de *desdiferenciação*, diminuindo o sentimento de estranheza no imaginário coletivo em relação às diversas formas de vivenciar a sexualidade.

Essa transformação social origina-se a partir de vários agentes, entre os quais podemos destacar a questão da comunicação. A difusão da TV (principalmente), do cinema, do teatro e dos periódicos permitiu a ocorrência de uma grande “saída do armário” dos homossexuais, ao mostrar sua existência e tirá-los da obscuridade. Com isso, abriram-se as portas para que ocorresse uma crescente sensibilização da sociedade acerca do tema e, como consequência, temos visto uma diminuição gradativa da discriminação (Meccia, 2011). Aos meios de comunicação e às formas de expressão

artística em geral, conjuntamente com os ativistas do movimento LGBT, portanto, podemos atribuir um papel de peso no início do processo de visibilização das diversidades sexuais.

O universo dos encontros românticos e sexuais tem sofrido rápidas transformações, e suas tramas passaram a ser roteirizadas de acordo com uma série de características que são peculiares ao nosso mundo em seu estado de evolução tecnológica atual. Na era da Internet, a maior disponibilidade de material sexual, a legitimação da cultura do sexo sem compromisso e o avanço dos serviços de encontros românticos mediados por dispositivos digitais aumentou significativamente a rotatividade entre parceiros (Illouz, 2016), e isso se aplica tanto para o contexto das relações heteroconvencionadas quanto para os comportamentos das minorias sexuais.

Indivíduos que envelhecem em meio a práticas homoafetivas deparam-se, dessa forma, com uma realidade que é permeada por diversos fatores que remetem ao novo. Poder-se-ia trazer à discussão as redes de comunicações, cuja evolução trouxe novas dinâmicas para o mundo das relações interpessoais. Os *sites* e *apps* de pegação e relacionamento são amplamente difundidos e acabaram transformando os costumes. O que antes custava uma saída de casa, uma ida ao bar ou a qualquer outro local de “pegação”, agora pode ser alcançado com alguns cliques e trocas de mensagens. As buscas online por parceiros marcam um desvio radical do ideal de amor romântico, com o surgimento de novas formas de pensar afetos e muitas outras perspectivas além dos tradicionais pareamentos monogâmicos apresentados até então como única alternativa.

O encontro entre corpos ocorre, devido a isso, de maneira calculada, perdendo-se a espontaneidade dos encontros casuais de outros tempos. São escolhas racionalizadas, já que a configuração do perfil, ou seja, da forma como o indivíduo deseja se apresentar nessa vitrine em busca de *likes*, bem como a seleção de alguns dentre centenas (ou mais) de perfis com quem se vai estabelecer contato, demandam uma série de análises que se dão de antemão. Tais distinções entre a forma como se davam as aproximações interpessoais de outrora e as transformações (não exclusivamente) tecnológicas dos dias de hoje também podem ser motivadoras de sentimentos nostálgicos.

No contexto das relações interpessoais, o mundo dos apps ganhou muito em importância com a popularização do acesso e o desenvolvimento de diferentes plataformas tecnológicas que possibilitam a aproximação entre “pessoas virtuais” no

mundo real. Os aplicativos de pegação, como muitas vezes são denominados, se constituem, obviamente, dentro de uma lógica mercadológica, pois são desenvolvidos por empresas que visam ao lucro.

Para além da questão de serem serviços com fins lucrativos, contudo, o comportamento dos usuários ocorre também dentro de uma estrutura de oferta e demanda, com um padrão bastante consistente do que é considerado desejável ou indesejável. O “açougue”, como é referenciado muitas vezes o universo dos aplicativos por seus próprios usuários, ao mesmo tempo que é uma experiência que se mostra em muitos casos frustrante, em muitas ocasiões é a única possibilidade na busca de visibilidade (Morelli, 2017), um palco do qual não se quer estar ausente, uma vez que essa parece ser uma metodologia profícua para a busca de pares sexuais e/ou românticos.

O ciberespaço reúne os requisitos para se configurar num ambiente ideal para a diluição de restrições quanto às formações identitárias, posto que é composto de códigos digitais reprogramáveis, um corpo de bytes, feito sem órgãos e com a possibilidade de construção e desconstrução momentânea (Abreu, 2010). Contudo, o que vemos na prática é um mundo com muito mais semelhanças em relação ao “mundo real” do que faz crer essa aparente liberdade infinita, especialmente no que diz respeito ao predomínio da construção e reforço de identidades que não fogem do padrão observado no mundo “real”. Nas relações mediadas por algoritmos desenhados para a promoção do encontro entre corpos, para citarmos um exemplo, estar dentro do armário, ou seja, invisibilizar a questão da orientação sexual, assemelha-se ao que se pode observar na vida *off-line*. A internet endossa a lógica de manutenção do sigilo quanto aos costumes sexuais dissidentes, uma vez que o ambiente público ainda se mostra hostil para as práticas homoeróticas.

A forma como são configurados os perfis utilizados nos aplicativos já diz muito sobre esse regime de (in)visibilidade, ou seja, os usuários que apresentam fotos de rosto são uma minoria, sendo presumidos ali naquele espaço como “assumidos” e, por tal motivo, evitados por aqueles que buscam por discrição. Isso se torna ainda mais visível quando, no esforço de adentrar no campo e entender a dinâmica das relações, pesquisadores frequentemente recebem negativas dos usuários para responderem a questionamentos, a despeito de identificarem-se apropriadamente (Morelli, 2017).

Sentir-se um pária no contexto dos apps, no entanto, não se restringe somente à questão de estar ou não em conformidade com os padrões desejáveis, mas também à

própria dinâmica das comunicações virtuais. Para aqueles que viveram sem tais aparatos até idades mais avançadas, há uma barreira técnica, já que muitos não estão suficientemente familiarizados com os novos ferramentais tecnológicos. Além das dificuldades com os novos dispositivos, as formas mais sucintas de expressão e as gírias e abreviações que são peculiares ao mundo online podem se constituir em obstáculos, produzindo também uma sensação de não-pertencimento a um mundo que se “digitalizou” rapidamente e que pode, sim, tornar-se excludente dependendo do contexto.

As rápidas transformações na forma como as pessoas relacionam-se não se encontra restrita às transformações tecnológicas. Vivemos uma era de afrouxamento nos laços afetivos (Bauman, 2004) e, simultaneamente, ainda idealizamos o amor como algo mágico. Essa nova configuração do universo dos relacionamentos, que é de ordem técnica, mas também diz de um novo modo de viver que é menos desapegado das convenções historicamente construídas em torno do amor, traz muitos questionamentos mesmo para os mais jovens, que já nasceram em um mundo em rápido processo de digitalização e revolução nas relações interpessoais. De qualquer forma, a busca de uma compreensão maior sobre os caminhos que se criam no envelhecimento, diante da transformação da cena urbana, e com a quantidade de novas perspectivas no sexo e nas formas de interagir à disposição, seria, por si só, um campo profícuo para buscar compreender melhor, quando ao seu encontro, como se dá a experiência do envelhecer na contemporaneidade.

### **IDENTIDADE CORPORAL, ENVELHECIMENTO E CULTURA DA IMAGEM**

O corpo pode ser entendido como uma construção cultural que contém muitos significados. Para além de um simples invólucro, sinaliza um certo posicionamento do indivíduo, transmitindo para seus pares suas aspirações e seus ideais a respeito de como a vida deve ser conduzida. Em um contexto histórico e social em que se destacam a fragmentação das relações sociais e o esvaziamento de instituições tradicionais, como a família e a igreja, é importante falarmos sobre o protagonismo que as relações de consumo acabam assumindo no processo de construção dessas questões identitárias. As esferas em que transita o indivíduo operam no sentido de reforçar as práticas e significados

associados ao corpo, disciplinando e normatizando internamente as imagens com que ele quer se associar (Pereira & Ayrosa, 2012).

Todas as percepções corporais e experiências são racionalmente interpretadas e emocionalmente vividas sob a égide de crenças e atitudes culturalmente determinadas. Como o corpo social presume uma associação automática entre velhice e incapacidade, essas percepções tendem a sofrer consideráveis distorções. De acordo com as teorias psicanalíticas, durante o processo de envelhecimento, ocorre um desinvestimento libidinal em relação ao mundo exterior. O corpo em condição de sofrimento demanda que o pouco de libido restante passe a ser reinvestido no corpo em declínio. Tal configuração da libido remete à da primeira infância, o que nos faz perceber como o processo de desenvolvimento é encadeado, em uma espécie de sistema fechado em si mesmo. Pode-se comparar essa nova estrutura psíquica com o estágio do espelho lacaniano, quando a criança projeta seu corpo ideal através da imagem especular do seu *alter*; contudo, com uma projeção que não aponta para um corpo belo e ideal que servirá como moldura às ações necessárias ao transcurso da vida, mas para uma imagem decrépita, compatível com a morte que se aproxima (Vilhena, 2014).

A matriz heterossexual (ou matriz de inteligibilidade), expressão desenvolvida por Judith Butler, é a forma pela qual se organizam os corpos de acordo com identidades de gênero e sexualidade. Os corpos, gêneros e desejos são, de acordo com esse entendimento, organizados de maneira a caracterizar um certo modelo discursivo hegemônico onde, para ter coerência, o corpo masculino tem de imprimir “macho”, e o feminino, “fêmea” (Abreu, 2010). Mesmo que estejamos aqui debatendo, predominantemente, o universo dos homens gays, a divisão de corpos de acordo com os símbolos atrelados a gênero é assunto que faz todo o sentido dentro da discussão sobre as questões de construção de identidade. Para esse público, a busca por determinadas características corpóreas é socialmente influenciada, sendo normalmente associada a um desejo de parecer “menos gay”.

A busca por um invólucro que o faz parecer hipermasculinizado, com uma grande ênfase numa estética da hipertrofia, favorece a manutenção de uma posição privilegiada, fortalecida, em uma sociedade notadamente machista. Tais caminhos são percorridos com o intuito de se afastar não somente dos estereótipos femininos, como também devido ao desejo de não ter associada à sua imagem uma certa “homossexualidade negativa”, ou

seja, um gay que transita, como um pária, entre os signos socialmente prescritos para masculino e feminino (Pereira & Ayrosa, 2012).

A relação com o corpo ou, mais especificamente, com a obsessão por sua transformação, poderia ser interpretada à luz das relações contemporâneas de consumo. Pautados pelo desejo de se tornarem e se manterem como produtos de alto valor dentro de um mercado em que os donos dos músculos mais bonitos estão no topo da pirâmide de visibilidade, busca-se uma combinação entre imagem pessoal, alta performance e capacidade de realização, com uma necessária submissão a rotinas com grande foco em academias, substâncias e dietas sem fim. Aperfeiçoa-se o corpo com a intenção de subir o seu valor em meio ao contexto social onde o sujeito transita.

O Brasil desponta como um dos maiores consumidores mundiais de cosméticos, o que é um indicativo do valor que é dado ao corpo em nossa sociedade. Estar “em forma” não é apenas um preditor de sucesso sexual, mas também um poderoso indicador para as chances de alguém “se dar bem” nas diferentes circunstâncias individuais (Goldenberg, 2011).

Determinado modelo de corpo na cultura brasileira contemporânea é uma riqueza, talvez a mais desejada pelos indivíduos das camadas médias urbanas, e também das camadas mais pobres, que percebem seu corpo como um importante veículo de ascensão social e, também, um importante capital no mercado de trabalho, no mercado de casamento e no mercado sexual. Além de um capital físico, o corpo é também um capital simbólico, um capital econômico e um capital social. No entanto, é preciso ressaltar que este corpo capital não é um corpo qualquer. É um corpo que deve ser magro, jovem, em boa forma, sexy. Um corpo conquistado por meio de um enorme investimento financeiro, muito trabalho e uma boa dose de sacrifício (Goldenberg, 2011, p. 78).

A busca pela beleza, na comunidade homossexual, carrega uma simbologia que supostamente soma-se às regras quanto à imagem na cultura contemporânea. Além de constituir-se em importante fator a definir a posição do sujeito dentro da teia social, existe aqui um elemento adicional, que é a fuga do preconceito. Em especial depois da epidemia de HIV dos anos 80 e 90, quando a imagem dos homossexuais acabou ficando associada a uma doença e, por conseguinte, à feiura, a compatibilidade com os padrões vigentes de beleza representa a possibilidade de transcender a vergonha e escapar da imagem associada a uma comunidade estigmatizada. Ser belo, por esse motivo, pode também ser

uma reafirmação de soronegatividade (como se isso bastasse para determinar a sorologia de alguém) (Morelli, 2017). Os modelos positivos de beleza masculina, ademais, são baseados principalmente na imagem perpetuada pela pornografia homoerótica, a qual sempre foi um referente “positivo” (entre aspas porque acaba restringindo a beleza a um padrão bastante restrito) para a questão da imagética corporal, e os corpos exibidos nesse tipo de mídia são notadamente dotados de músculos e virilidade (Morelli & Pereira, 2018).

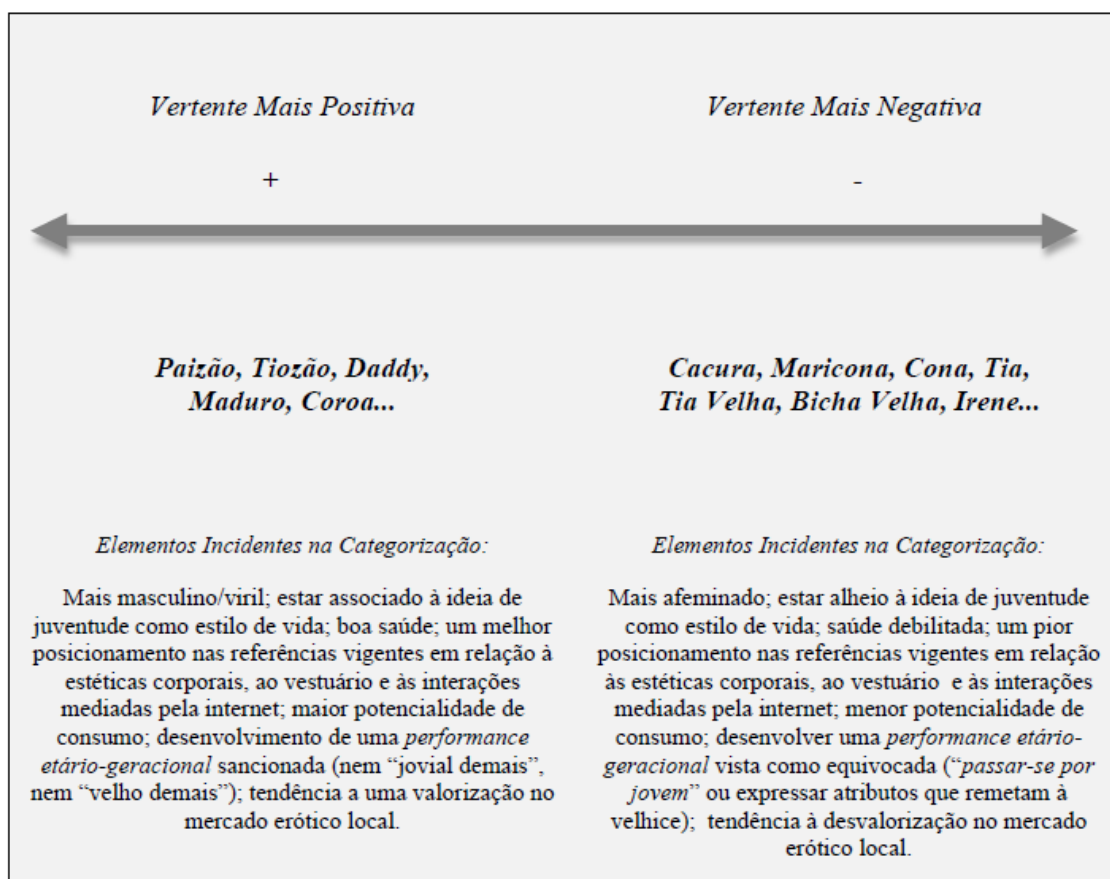
A formação das identidades junto aos homens gays, assim como ocorre com outros grupos, é reducionista, falha e cheia de armadilhas. Essas definições são produtos de determinados contextos ou momentos históricos específicos, nem sempre sendo utilizadas de maneira uniforme; quando resistem ao tempo, todavia, exercem um plano de fundo inteligível sobre elas. Como exemplo, temos os termos viado, bicha e gay. Ao passo que aquelas são identidades formadas dentro de nossa cultura e de maneira pejorativa (variantes de veado, fazendo referência às batidas policiais em pontos de encontros entre homossexuais e às consequentes fugas em comboio daí originadas), esta é importação de um certo modo de ser e performar que remete a uma identidade mais *clean*, que já nasceu associada a um ideal de branquitude, modos masculinos e, mais recentemente, associou-se à imagem dos corpos produzidos em academia (Morelli & Pereira, 2018). É pertinente aqui ressaltar que, ao longo do texto, o autor optou em vários momentos pelo termo “gay” de forma um tanto automática, menos por uma questão de descuido retórico do que pelo fato de ter construído sua própria identidade com o uso do termo, mas se referindo indistintamente ao conjunto dos homens que fazem sexo com homens (HSH), nomenclatura mais frequentemente utilizada nos dias atuais.

Para o corpo em envelhecimento, a batalha pela manutenção de tal status de corpo hipertrofiado tende a tornar-se progressivamente excludente, apesar dos avanços das ciências médicas, à medida que os anos passam. Diante disso, aqueles que são gays e velhos percebem-se como corpos em lento processo de depreciação – e o termo escolhido aqui é utilizado mesmo no sentido contábil e escolhido propositalmente. O desajuste entre a imagem que se ostenta e o ideal de imagem valorizado junto ao público gay vai se acentuando, criando um déficit entre o imaginado e o possível, o qual, poder-se-ia supor, seria um potencial motivador para o distanciamento das interações sociais e, por conseguinte, o recrudescimento da incidência de problemas de ordem emocional.



O desejo, para Lacan, fundamenta-se na falta. É ela que produz o desejo, movimentando o sujeito na busca do objeto que o satisfará (Goldfarb, Barbieri, Gotter, & Peixeiro, 2010). Sendo assim, poderíamos especular sobre o desejo de manter o corpo jovem como algo que supra essa falta, que possibilita ao sujeito não se desinvestir de si, em termos libidinais, com o mesmo ritmo.

As representações possíveis para os papéis sociais ocupados por corpos de gays mais velhos não são, portanto, necessariamente negativas. Percebe-se a possibilidade de uma certa categorização no imaginário e no discurso dos próprios gays que dá a entender de um espectro que transita entre uma imagem mais positivamente percebida (gays masculinos, “conservados” e sarados) e outra, nem tanto, para afeminados e com a idade impressa fisicamente. Henning (2014) captura de maneira acurada um retrato sobre essas representações em sua tese, conforme escala que é reproduzida a seguir.



Fonte: Henning (2014)

Como se pode notar, não é somente em torno do invólucro corporal que essas identidades são construídas. A categorização proposta, que na verdade diz respeito à forma como os próprios homossexuais veem-se e a seus pares, leva em consideração,

além de questões como aparência física e virilidade, aspectos que surgem da experiência social e econômica individual. Algumas expressões que não necessariamente remetem à idade e que, por esse motivo, não estão ali elencadas, como a amplamente difundida “bicha pão com ovo”, ou seja, aquela que vem de estratos sociais inferiores, também permitem ver quais são os parâmetros balizadores em questão na busca por construções identitárias junto aos gays (Morelli, 2017). No fim das contas, o essencial do que está em jogo na demarcação de posições e possíveis movimentações na pirâmide de visibilidade gay parece se resumir a questões como aparência, status socioeconômico e nível de “afetação”.

Sendo assim, as características da cultura gay remetem a certos padrões estéticos e performáticos que, se por um lado, ajudam a construir a identidade de um grupo, por outro, tolhem os gays mais velhos de exercerem sua sexualidade dentro de um padrão idealizado de plenitude, o qual só seria compatível com o auge da juventude. A construção de padrões identitários tão estanques, aliás, parece indicar que a cultura *gay*, por vezes, é tão normativa quanto a norma que durante tanto tempo a suprimiu, ainda que colorida por outros matizes. Ao estabelecerem certos padrões estéticos e performáticos, perdem os LGBT’s, por conta das próprias engrenagens entre as quais surgiram suas nuances, a possibilidade de contribuir na construção de uma sociedade onde as relações possam ser mais fluidas, livres de amarras e estereótipos que são anteriores ao desenvolvimento individual.

Vivemos em meio a conformações rígidas nos âmbitos legal, social e institucional, os quais dão espaços para um número limitado de esquemas possíveis na esfera relacional. Um mundo relacional rico, afinal, seria algo muito difícil a ser administrado e amparado pelo *status quo*. Dever-se-ia combater o empobrecimento do tecido relacional, com o reconhecimento, por exemplo, das relações de coexistência provisória, que fujam aos padrões matrimoniais coletivamente enaltecidos. Mais do que trazer à normalidade os modos de funcionamento das relações homossexuais, poder-se-ia deixar que ela escapasse, na medida do possível, ao tipo de relações que são impostas como normas a todos, com a possibilidade de criação de modos alternativos de vivências afetivas nesse vácuo (Foucault, 1984).

Ser gay e velho, portanto, parece uma experiência circunscrita por um amplo (ou nem tanto) espectro de possíveis definições que são anteriores à experiência individual, ou seja, definições pré-configuradas dentro de um plano social. Parece haver, em meio às

possíveis velhices gays, configurações sociais que amparam o transcurso daquelas que estão ajustadas a padrões sociais considerados mais desejáveis, principalmente no que diz respeito à aparência física, status econômico-social e uma proximidade com padrões performáticos de virilidade considerados aceitáveis pela sociedade como um todo, ou seja, como se estivesse sendo buscada validação junto à comunidade gay e também fora dela.

## **ENVELHECIMENTO E SAÚDE MENTAL**

Ainda que não tenha sido possível, ao longo da pesquisa, a coleta abundante de materiais sobrepondo os cortes populacionais (gênero, sexualidade e faixa etária) que são o foco desse estudo, há pesquisas com dados quantitativos que apontam para pistas sobre a existência de peculiaridades que poderiam ser melhor compreendidas por meio de um olhar desenvolvido em torno das diversidades, inclusive em questões relativas à saúde mental dessas populações. Algumas pesquisas envolvendo minorias sexuais, onde normalmente não encontramos o corte de idade, dão pistas muito interessantes sobre questões que poderiam ser também elaboradas no campo sobre o qual se está tentando debater, ainda que nem sempre levem em consideração esse entrelaçamento.

A discussão sobre gênero, sexualidade, saúde e envelhecimento merece ser feita com a cautela necessária a qualquer debate que envolva questões sobre identidade. O poder de criação de verdades acerca de elementos identitários é biopolítico, ou seja, envolve a necessidade de existirem mecanismos para exercer controle sobre, entre outras coisas, o sexo das populações. No que tange à orientação sexual, a heterossexualidade monogâmica foi eleita como sinônimo de saúde e normalidade, caracterizada por um ideal higienista que se conforma a um “regime de saúde das populações”, ou seja, de limpeza dos espaços urbanos. A construção da teia social, portanto, se dá em torno de um conjunto de ideias que elegem a heteronorma como aquilo que é aceito e a homossexualidade como algo da ordem do desvio, do anormal. E esses ditames aplicam-se também aos sujeitos em envelhecimento, que serão reconhecidos como “desviantes” dentro de uma lógica que privilegia a convenção e sufoca aquilo que diverge dos padrões (Morelli, 2017).

O fato de ser categorizada a homossexualidade como uma doença ao longo de boa parte do século XX continua sendo um complicador nas discussões envolvendo saúde mental e orientação sexual. Consequentemente, qualquer debate envolvendo esse

cruzamento deve ser feito levando em consideração o efeito do estigma sexual, isto é, o demérito historicamente associado pela sociedade a pessoas com orientação sexual que fuja à heteronorma. Tal estigma ocupou um papel central na produção de uma certa forma de pensar a homossexualidade. Tenta-se, atualmente, avançar no discurso sobre saúde mental entre minorias sexuais para além de conceituações ultrapassadas que foram produzidas muito mais, como abordado no capítulo sobre Gerontologia LGBT, com presunções produzidas a partir desse contexto, do que por meio de pesquisas baseadas em dados empíricos ou no contato com a realidade, de forma a chamar a atenção para o tópico sem produzir a patologização dos indivíduos que compõem as minorias sexuais. Durante muito tempo, assumiu-se que, se os homossexuais apresentassem índices maiores de adoecimento mental, certamente a homossexualidade em si seria uma psicopatologia.

Quando especialistas em Rorschach, ainda nos anos 50, não puderam distinguir a sexualidade dos respondentes do teste projetivo de maneira significativa, tampouco puderam encontrar diferenças de ajustamento entre sujeitos com orientações sexuais diferentes, concluiu-se que a homossexualidade não está inerentemente associada a psicopatologias e que não poderia ser classificada como uma entidade clínica. As práticas homoeróticas somente foram excluídas do catálogo de transtornos mentais do DSM, contudo, em 1973 (Herek & Garnets, 2007). Hoje, a posição predominante entre clínicos e pesquisadores entende a homossexualidade como uma variante normal da expressão da sexualidade humana. Ou seja, tanto quanto o senso comum, ou mais, o meio acadêmico contribuiu para que as diversidades no campo sexual fossem tratadas como anormalidades, ao invés de serem vistas como singularidades.

Em estudo realizado por pesquisadores holandeses, com amostras compostas por pessoas daquele país, constatou-se que homossexuais (e, mais notadamente, os homens) possuem um risco significativamente mais elevado de apresentar ideação suicida ao longo de suas trajetórias de vida (Graaf, Sandfort, & Have, 2006). Vindo de um país com uma mentalidade bem mais progressista do que a média no que diz respeito aos direitos dos homossexuais, poder-se-ia supor que esse risco deva ser ainda mais elevado, por exemplo, em uma cultura como a brasileira, em que, especialmente nos últimos anos, discursos homofóbicos têm sido revitalizados, endossados e naturalizados no cotidiano. O campo de intersecção da diversidade sexual com o envelhecimento, com questões como a finitude em xeque, poderia trazer, para o pesquisador que nele se aventurasse com o corte

adicional da questão do suicídio, informações importantes sobre o processo de envelhecimento nessas populações.

A perda de independência é fator que traz um sentimento de angústia adicional ao processo de envelhecimento, o que poderia ser uma pista sobre algo que poderia ser fonte de dificuldades peculiares a esse público e, num mundo ideal, fomentar algum tipo de política pública. No caso das minorias sexuais em envelhecimento, precisar de alguém da família pode representar também um passo que representa um retorno forçado ao armário, uma vez que em muitas jornadas não foi possível encontrar espaços para conciliar família e sexualidade.

Há homens mais velhos que envelheceram sem as condições requisitadas pelo “envelhecimento ativo”. Eles não atenderam as expectativas. Estão doentes, dependentes, com limitações de muitas ordens. São sujeitos que subvertem, em alguma medida, as normas que legitimam e reclamam uma velhice positiva. Por outro lado, há um conjunto de homens com quase sessenta anos, que ainda consegue transitar com êxito em uma atmosfera de práticas e relações, que podem ser lidas como de algum protagonismo afetivo, erótico e sexual (Passamani & Duque, 2017, p. 84).

Com o declínio do entendimento da homossexualidade enquanto doença, o *modelo de estresse de minoria* tornou-se uma das principais ferramentas para a conceitualização de questões de questões de saúde mental envolvendo indivíduos LGBT. A estrutura em questão postula que indivíduos pertencentes a minorias correm maior risco quanto a alguns problemas psicológicos devido ao fato de enfrentarem estressores crônicos únicos, os quais são resultado de uma posição social desfavorável. São levadas em consideração, dentro dessa abordagem, fatores como preconceito, expectativas quanto à rejeição ou discriminação, a supressão da identidade sexual e a homofobia internalizada, variáveis que, isoladas estatisticamente, facilitam a comparação com outras populações (Kuyper & Vanwesenbeeck, 2011).

Em levantamento realizado a partir da análise de dados de 2450 gays, lésbicas, bissexuais e pessoas trans com 50 anos ou mais, constatou-se que, entre essas pessoas, aquelas mais velhas que vivem em meio a um círculo restrito de relações, isto é, propensas a passar grandes períodos isoladas de suas redes de suporte (família, amigos, etc.), apresentam maior predisposição a apresentarem problemas de saúde mental (Kim, Fredriksen-Goldsen, Bryan, & Muraco, 2017). Ao longo do presente texto, constatou-se que algumas velhices gays são marcadas por questões que não convergem com as velhices hetero, como o peso maior da perda de independência para parte dos LGBT's, que não puderam conciliar sexualidade e família, por exemplo. Questões históricas, ademais,

como a exclusão estrutural de pessoas que compõem as minorias sexuais de instituições como o casamento, podem levar a questionar se, no cotidiano das minorias sexuais, existe uma maior tendência a viver em círculos mais restritos, o que apontaria para uma possível fragilidade adicional para a ocorrência de problemas relacionados a esses contornos cotidianos, como a depressão.

Pesquisas realizadas em larga escala sugerem que homossexuais correm maior risco de sofrer com transtornos de humor e ansiedade. Esse padrão geral de risco aumentado pode ser observado tanto em homens quanto em mulheres. Homossexuais adultos tendem, ademais, a reportar com maior frequência (quando comparados com heterossexuais) ideações suicidas e tentativas de suicídio ao longo de suas trajetórias de vida, tendência que já foi observada também em estudos envolvendo adolescentes. Pesquisas mais detalhadas seriam necessárias para determinar os fatores causais que fundamentam essa associação, muito embora a suspeita principal recaia sobre os estresses adicionais vivenciados por esses sujeitos por conta da discriminação quanto à orientação sexual (Gilman, et al., 2001).

Em estudos populacionais realizados ao longo dos últimos anos, foram encontradas evidências de que os níveis de morbidade em saúde mental, bem como o uso de serviços de saúde relacionados, diferem de maneira importante junto a gays, lésbicas e bissexuais, quando em comparação com grupos de homens e mulheres heterossexuais. Entre homens, essas diferenças se mostraram mais pronunciadas em quadros de depressão severa e doença do pânico, ao passo que entre mulheres a diferença é mais acentuada para transtornos de ansiedade generalizada (Cochran, Sullivan, & Mays, 2003).

Indivíduos pertencentes a minorias sexuais, como já afirmado, passam por eventos estressores que heterossexuais não precisam comumente enfrentar. A maior parte desses eventos está relacionada à questão do preconceito quanto a práticas sexuais não normativas, mas não chega a ser um fator exclusivo. O vírus HIV, por exemplo, tem um impacto desproporcional em homens gays e bissexuais, o que seria um fator potencializador de sofrimento subjetivo por si só, pelo medo de morrer e pelo peso de lidar com o preconceito relacionado à infecção. Indivíduos com múltiplos fatores potencializadores de opressão (por exemplo, lésbicas negras, que têm de lidar com o preconceito racial, além da questão do machismo e da homofobia) não diferem dos demais em termos de maiores chances de vivenciarem estresse psicológico decorrente do estigma (Herek & Garnets, 2007).

LGBT's que participam ativamente da respectiva comunidade de minoria sexual apresentam índices menores de estresse psicológico que os demais. Portanto, aqueles que têm a oportunidade de construir sua identidade de forma transparente, podem estar mais bem equipados para lidarem com o estresse de minorias, o que possivelmente os colocaria em uma situação de menor risco quanto à incidência de questões de ordem psicopatológica. Em contraste, indivíduos que adotam uma postura assimilacionista (isto é, emulando comportamentos para “fazer parte” da vida heterorregulada) ou individualista (ou seja, como se não fizessem parte num plano identitário, para além das práticas sexuais semelhantes), concebem sua sexualidade de forma amplamente pessoal, diminuindo a importância de comportamentos e desejos sexuais na definição de seu senso de *self*. Ainda que não neguem ou rejeitem seu desejo por pessoas do mesmo sexo, podem se distanciar ou mesmo apresentar uma atitude hostil quanto à comunidade LGBT, baseados principalmente na ideia de que sua personalidade deveria ser construída em termos individuais, e não por um grupo definido pelos seus desejos sexuais, questões essas que poderiam explicar o estresse psicológico aumentado (Caceres & Frank, 2016).

Na clínica psicológica, práticas afirmativas, isto é, orientadas a uma maior compreensão e aceitação da orientação sexual como uma parte natural do sujeito, têm sido amplamente utilizadas para o apoio a LGBT's com dificuldades em lidar com problemáticas que se encontram entrelaçadas com o desejo discrepante da norma. Essa postura na clínica é capaz de auxiliar minorias sexuais a criarem estratégias adaptativas e construir um senso de identidade mais positivo, além de ensinar-lhes o efeito do estigma no funcionamento psicológico. É importante levar em consideração, contudo, que em alguns casos os perigos percebidos em *sair do armário* podem ser, na verdade, resultantes de conflitos intrapsíquicos. É tarefa do terapeuta auxiliar no discernimento entre o que são os reais riscos de discriminação e vitimização e aquilo que está mais relacionado a uma dificuldade de autoaceitação. É importante, ademais, que seja estudada cada situação individualmente, e não utilizar a “saída do armário” como uma regra que servirá para todos indiscriminadamente (Herek & Garnets, 2007).

Devido ao preconceito que desponta em meio ao corpo social, a busca de ajuda em serviços de saúde mental pode ser mais difícil para LGBT's. Receber acolhimento junto a um profissional que possui ele mesmo internalizado o estigma quanto às diversidades sexuais ou não possui informação suficiente para lidar com questões do tipo pode agravar questões que deveriam, ali no *setting* de tratamento, estar sendo tratadas. Há

casos mais dramáticos, de terapeutas que acreditam que a estratégia mais adequada para lidar com a sexualidade não-normativa é a tentativa de mudança de orientação sexual (Herek & Garnets, 2007), o que pode ser lido muito mais como estratégia terapêutica de fundo moralista e impregnada por ideias associadas à religiosidade do que como uma prática fundamentada pelo saber.

Pesquisas adicionais são necessárias para esclarecer necessidades específicas em saúde mental junto a minorias sexuais, com o intuito de identificar fatores que facilitem comportamentos adaptativos e aumentem sua resiliência psicológica, além de verificar a eficácia de abordagens baseadas em práticas afirmativas. Teorias de personalidade poderiam e deveriam ser revisitadas para assegurar-se de que acolham experiências de minorias sexuais (Herek & Garnets, 2007). Estudos com amostras mais representativas e com medidas mais estrategicamente selecionadas quanto às questões referentes à orientação sexual permitiriam determinar quão aumentados são os riscos para diferentes tipos de estressores psicológicos, bem como em que medida tais riscos variam de acordo com gênero, orientação sexual e outros fatores de estigmatização, como a questão racial e processos de envelhecimento. Ainda que a necessidade de estudos mais efetivos deva ser priorizada, é fundamental que os profissionais ligados à saúde mental estabeleçam práticas fundamentadas em conhecimentos disponíveis, não devendo, portanto, esperar pelo avanço acadêmico no campo para fazerem o melhor uso de práticas afirmativas de forma integrada, tanto na clínica quanto no ensino.

## **CONCLUSÕES**

Formamos um coletivo que encara o processo de envelhecimento como parte indesejável da existência. Na cultura da imagem, assumir para si e para os outros que se está envelhecendo somente é dado ao sujeito que se conforma a uma cartilha de prescrições determinante de uma velhice que essencialmente se assemelha, no fim das contas, a um exercício de retorno à juventude.

Recentemente, a ascensão de perspectivas teóricas largamente institucionalizadas que tentam abordar de forma otimista os processos de envelhecimento passou a exercer forte influência sobre o que o discurso médico prescreve ao corpo, ou seja, contribuem essas perspectivas para a construção de indivíduos habilitados a performar um padrão de



velhice que é considerada bem-sucedida, invisibilizando as demais possibilidades do envelhecer e impondo a elas, assim, um dispositivo adicional de exclusão.

Embora sejam parte do mecanismo social e funcionem, em muitas medidas, de maneira semelhante às rígidas engrenagens que as contêm, as velhices das minorias sexuais foram excluídas, ao longo de quase todo o século passado, não só das discussões acadêmicas, como também da própria cena contemporânea a partir da qual emergiram enquanto coletivo digno de visibilidade e inteligibilidade. Os LGBT's, conforme algumas pistas aqui discutidas, carregam consigo marcas que dizem muito da lógica excludente do corpo social que os circunscreve, e isso também se aplica à forma como percebem a velhice.

Ao longo da análise de fontes de diferentes lugares (tanto do ponto-de-vista geográfico quanto do epistemológico), foi possível notar que os estudos envolvendo velhices LGBT's, por terem sido preteridos durante muito tempo, ainda evoluem lentamente. No Brasil, isso é especialmente verdadeiro, apesar dos esforços pioneiros de alguns pesquisadores e do recente aumento de visibilidade junto ao mundo acadêmico. O simples fato de as velhices LGBT's estarem começando a ser levadas seriamente em conta na produção de saberes, no entanto, é indicativo de que existem espaços possíveis para sua legitimação, e a presença desses grupos populacionais nas discussões científicas pode, na opinião do autor, lhes abrir caminhos também na vida cotidiana.

Processos de envelhecimento em meio à experiência sexual e amorosa disparatada funcionam, em muitas formas, como as velhices “reguladas”, mas também apresentam muitas questões que lhes são peculiares. Existem evidências de facetas em suas trajetórias quanto a experiências da ordem subjetiva que podem tornar suas trajetórias individuais mais turbulentas, em especial por conta da vivência frequentemente marcada pela discriminação. Muitos LGBT's parecem apresentar sentimentos internalizados de homofobia, o que por certo (para o autor, assim foi) é um grande potencializador de situações subjetivamente difíceis. As configurações familiares, que nem sempre são abertas à diversidade, assim como a possível tendência a viver sob condições especialmente estressantes, poderiam, sim, indicar outros caminhos, caso fossem mais bem compreendidos os impactos dessas singularidades.

Há muitos modos de percorrer os diferentes campos que circunscrevem a temática do envelhecimento, e com muitos olhares também. Entre as questões que foram abordadas

ao longo desse escrito, bradam pelo olhar do autor duas em especial. Entender a dinâmica dos relacionamentos amorosos vividos em meio ao contexto digital, bem como aproximar-se de um entendimento da influência no discurso e nas vidas cotidianas de pessoas mais velhas quanto a um contexto potencialmente mais favorável à saída de seus afetos do armário, parecem formar caminhos promissores. E é com essas perspectivas em mente que, em breve, o autor pretende retomar a pesquisa aqui apresentada.

## BIBLIOGRAFIA

- Abreu, C. L. (2010). Sexualidades desobedientes. Gênero, subjetividade e identidades não-normativas nas redes sociais virtuais. *Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*, 1-12.
- Altman, M. (2011). Envelhecimento à luz da psicanálise. *Jornal de Psicanálise*, 193-206.
- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Beauvoir, S. (1990). *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Brown, M. T. (2009). LGBT Aging and Rhetorical Silence. *Sexuality Research & Social Policy Journal of NSRC*, 65-78.
- Caceres, B. A., & Frank, M. O. (2016). Successful ageing in lesbian, gay and bisexual older people: a concept analysis. *International Journal of older people nursing*, 184-193.
- Cardoso, W., & chaves, E. P. (2012). Entretecendo diálogo entre homossexualidade e velhice: notas analítico-interpretativas acerca do envelhecimento gay. *Nufen*, 34-43.
- Cerqueira, M. B. (2011). Envelheço na cidade: sobre cotidianos do envelhecer na cidade de São Paulo. Em B. E. Trench, *Nós e o outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa*. (pp. 159-182). São Paulo: Instituto de Saúde.
- Cochran, S. D., Sullivan, J. G., & Mays, V. M. (2003). Prevalence of Mental Disorders, Psychological Distress, and Mental Health Services Use Among Lesbian, Gay, and Bisexual Adults in the United States. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 53-61.
- Crenitte, M. R., Miguel, D. F., & Filho, W. J. (2019). Abordagem das Particularidades da Velhice de Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros. *Geriartr Gerontol Aging*, 50-56.
- Debert, G. G., Simões, J. A., & Henning, C. E. (2016). Entrelaçando gênero, sexualidade e curso de vida: apresentação e contextualização. *Sociedade e Cultura*, 3-12.
- Debert, G., & Brigeiro, M. (2012). Fronteiras de Gênero e a Sexualidade na Velhice. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 37-54.
- Foucault, M. (1984). O Trunfo Social do Prazer Sexual: uma Conversação com Michel Foucault. Em M. Foucault, *Ditos e Escritos - Vol. V - Ética, Sexualidade, Política: Volume 5* (pp. 119-125). Rio de Janeiro: Forense Universitária (2006).
- Freud, S. (1915). *Vol. XIV – (11) REFLEXÕES PARA OS TEMPOS DE GUERRA E MORTE*. Rio de Janeiro: Imago.
- Gilman, S. E., Cochran, S. D., Mays, V. M., Hughes, M., Ostrow, D., & Kessler., R. C. (2001). Risk of Psychiatric Disorders Among Individuals Reporting Same-Sex Sexual Partners in the National Comorbidity Survey. *American Journal of Public Health*, 933-939.
- Goldfarb, D. C., Barbieri, N. A., Gotter, M. E., & Peixeiro, M. H. (2010). Depressão e Envelhecimento na contemporaneidade. *III Congresso Ibero-americano de Psicogerontologia*, 54-79.

- Goldsen, K. F., & Vries, B. d. (2019). Global Aging With Pride: International Perspectives on LGBT Aging. *The International Journal of Aging and Human Development*, 315-324.
- Gondenberg, M. (2011). Corpo, Envelhecimento e Felicidade na Cultura Brasileira. *Contemporânea*, 77-85.
- Graaf, R. d., Sandfort, T. G., & Have, M. T. (2006). Suicidality and Sexual Orientation: Differences Between Men and Women in a General Population-Based Sample From The Netherlands. *Archives of Sexual Behavior*, 253-262.
- Henning, C. E. (2014). Tiozões, paizões, tias e cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo. *Tese*. São Paulo, SP.
- Henning, C. E. (2017). *Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos "idosos LGBT"*. Goiânia.
- Herek, G. M., & Garnets, L. D. (2007). Sexual Orientation and Mental Health. *Annual Review of Clinical Psychology*, 353-375.
- Illouz, E. (2016). No coração pulsante da cultura - Entrevista com Eva Illouz. *Contemporânea - Revista de Sociologia da UFScar*, 299-308.
- Kim, H.-J., Fredriksen-Goldsen, K. I., Bryan, A. E., & Muraco, A. (2017). Social Network Types and Mental Health Among LGBT Older Adults. *The Gerontological Society of America*, 84-94.
- Kuyper, L., & Vanwesenbeeck, I. (2011). Examining Sexual Health Differences between Lesbian, Gay, Bisexual, and Heterosexual Adults: The Role of Sociodemographics, Sexual Behavior Characteristics, and Minority Stress. *Journal of Sex Research*, 263-274.
- Leandro-França, C., & Murta, S. G. (2014). Prevenção e Promoção de Saúde Mental no Envelhecimento: conceitos e intervenções. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 318-329.
- Liesenber, C. (2019). Sob o signo do tempo: velhice e envelhecimento em perfis de idosos nas mídias. *Tese*. São Paulo, SP.
- Malysse, S. (2002). "Em busca dos (H)altères-Ego" Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. Em M. G. (org), *Nu e Vestido*. Rio de Janeiro: Record.
- Meccia, E. (Agosto de 2011). La sociedad de los espejos rotos. Apuntes para una sociología de la gaycidad. *Sexualidad, Salud y Sociedad Revista Latinoamericana*, pp. 131-148.
- Miskolci, R., & Simões, J. d. (2007). Sexualidades Disparatadas: Apresentação. *Cadernos Pagu*, 9-18.
- Moreira, V., & Nogueira, F. N. (2008). Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicologia USP*, 59-79.
- Morelli, F. (2017). *Não existe amor em App? Pistas sobre o processo de subjetivação entre homens por meio de aplicativos voltados ao público gay*. Assis: Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista.
- Morelli, F., & Pereira, B. (2018). A pornificação do corpo masculino. *Civitas*, 187-203.
- Mota, M. P. (2009). Homossexualidade e Envelhecimento: Algumas reflexões no campo da experiência. *SINAIS - Revista Eletrônica*, 26-51.

- Passamani, G. R., & Duque, T. (2017). As bichas de hoje e de “ontem” da região do Pantanal de Mato Grosso do Sul: sobre regimes de visibilidade e (des)caminhos do curso da vida. Em C. E. Henning, & E. Braz, *Gênero, Sexualidade e Curso de Vida: Diálogos Latino-Americanos* (pp. 65-92). Goiânia: Imprensa Universitária.
- Pereira, S. J., & Ayrosa, E. A. (2012). Corpos Consumidos: Cultura de Consumo Gay Carioca. *O&S*, 295-313.
- Rocha, L. M., & Terra, N. (2013). Body image in older adults: a review. *Scientia Medica*, 255-261.
- Santos, D. K., & Lago, M. C. (2015). Cartografando estilizações do homoerotismo na velhice: pistas metodológicas nos estudos sobre sexualidades. *Revista de Psicologia*, 95-106.
- Sluytman, L. G., & Torres, D. (2014). Hidden or Uninvited? A Content Analysis of Elder LGBT of Color Literature in Gerontology. *Journal of Gerontological Social Work*, pp. 130-160.
- Vilhena, J. N. (2014). Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental. *III Congresso Internacional de Gerontologia Social* (pp. 251-264). Coimbra: Psicologia USP.